II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERSPECTIVAS PARA A TRANSVERSALIZAÇÃO DO CONCEITO DE GÊNERO

Gislaine da Nóbrega Chaves

Universidade Federal da Paraíba – Campus IV

nchaves@hotmail.com

Renata Beatriz Nascimento da Silva

Universidade Federal da Paraíba – Campus IV

renatabeatriz21@gmail.com

RESUMO: O campo da educação tem-se constituído em cenário profícuo para a discussão acerca das relações de gênero. Na educação infantil, o tema vem recrudescendo com temáticas que focam o espaço escolar, a interação entre meninos e meninas, entre as crianças e a ludicidade e das crianças com os adultos. Aqui se destaca uma ação contida no projeto de extensão universitária *Tecendo o Fio de Ariadne com Professoras da Educação Infantil* que se espraiou em uma oficina de pesquisa – *Quem é a atriz, quem é o ator?* Participaram da oficina meninos e meninas de ambos os sexos, do Pré-I, com faixa etária entre quatro a cinco anos de idade. A abordagem etnográfica inspirou o trabalho de campo, oportunizando a convivência com a cultura escolar, a compreensão de sua realidade e a contextualização das evidências na elaboração das análises. Fez-se uso da observação participante, com registros em diário de campo, fotografias, áudio e diagnóstico da realidade escolar. A dimensão da pesquisa contida no projeto de extensão revelou que desde tenra idade as crianças assimilam padrões de gênero a partir de sua vivência com o mundo adulto. Por isso, a escola não pode ser considerada a única responsável pela disseminação dos estereótipos de gênero. Inclusive, o desafio de transversalizar as relações de gênero na universidade se constitui, ainda, em um desafio para as instituições de ensino que têm o papel de formar formadoras/es em todos os níveis, etapas e modalidades de ensino.

Palavras-chave: Relações de Gênero, Oficina de Pesquisa, Estereótipos, Educação Infantil.

1 INTRODUÇÃO

A abordagem das relações de gênero ainda se constitui um tabu em alguns espaços educativos, a exemplo das instituições de educação infantil, seja pela dificuldade de apropriação do conceito de gênero, ou porque se elegem outros focos de interesse como prioridade, a exemplo do trabalho com determinados conteúdos voltados para a preparação da alfabetização/letramento.

Segundo Carvalho e Rabay (2015), o conceito de gênero é de difícil compreensão até mesmo para aqueles que possuem alto nível de escolaridade. Assim, de acordo com a autora, desconhecer ou mal compreender o conceito de gênero contribui para a negação desta problemática, como também para perpetuar as desigualdades de gênero. Portanto,

> [...] gênero é um conceito de difícil sensocomunização porque nega o caráter natural (segundo uma perspectiva pretensamente científica) ou divino (segundo uma perspectiva religiosa) dos sujeitos masculino e feminino e da atração heterossexual, ao propor que somos produzidos/as e educados/as nas relações sociais, e nos produzimos como sujeitos de gênero, aprendemos a ser masculinos ou femininas, em meio a relações de poder. (CARVALHO; RABAY, 2015, p. 18).

Pesquisas recentes têm ampliado a compreensão das relações de gênero na educação infantil (FINCO, 2010; FARIA, 2006; PAECHTER, 2009; BUSS-SIMÃO, 2013) focalizando a interação entre meninos e meninas, assim como das crianças em sua relação com o universo lúdico, e das crianças com o mundo adulto.

Para Finco (2010), a educação infantil marca o início de uma interação em grupo, através da qual as crianças iniciam suas experiências com outras crianças. Entretanto, a autora também relata que essa etapa é marcada pelo início da imposição de condutas e limites sociais e psicológicos, por parte dos adultos. Para a autora, ao tratarmos as temáticas de relações de gênero na infância, segundo uma ótica não-adultocêntrica, é possível observar melhor as transgressões das fronteiras de gênero.

Faria (2006) traz uma abordagem bastante interessante ao mostrar a creche como instituição de ensino, na qual são vivenciadas as mais diversas relações de poder, trazendo mais uma vez a temática acerca das relações de gênero. De acordo com a autora, as crianças

com idade para frequentar a creche possuem capacidade de múltiplas relações, sendo produtoras de culturas infantis, e, portanto, sujeitos de direitos.

De acordo com Paetcher (2009), as crianças com faixa etária entre quatro e seis anos de idade – iniciantes dos primeiros anos no espaço escolar – não compreendem o termo gênero, precisamente. Nesse sentido, as performances de masculinidade e de feminilidade do mundo adulto, com as quais as crianças convivem na sociedade e na escola, lhes dão o entendimento sobre masculino e feminino, o que implica dizer que suas próprias performances podem vir cheias de estereótipos.

Portanto, as ações do projeto de extensão[1] apresentam o desafio não somente de acompanhar os conteúdos trabalhados em sala de aula, as interações entre as crianças e as profissionais da educação infantil, com meninos e meninas, mas também contribuir para as atividades na creche, reinventando o currículo, planejando e executando atividades didático-pedagógicas, assim como levantando questões às crianças, dialogando e escutando as profissionais da educação durante nossa permanência na creche onde as ações extensionistas têm ocorrido. Assim, a dimensão da pesquisa contida no projeto de extensão se coaduna à perspectiva de Buss-Simão (2013), quando a autora afirma que

> [...] o pertencimento e as noções de gênero envolvem uma variedade de conhecimentos e elementos sociais e culturais, os quais requerem um estudo minucioso para se compreender como e o que as crianças sabem e aprendem sobre esses elementos ao estabelecerem suas relações no cotidiano de uma instituição de educação infantil. (BUSS-SIMÃO, 2003, p. 941)

De acordo com Scott (1990), o conceito de gênero pode ser compreendido como um "[...] elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos [...]" e como uma forma de dar significado às relações de poder (SCOTT, 1990, p.86). Nessa perspectiva, segundo a autora, o processo de construção de gênero poderia ser utilizado para examinar a classe, a raça, a etnicidade ou qualquer outro processo social (SCOTT, 1990, p. 88), uma vez que atravessa as relações sociais e institucionais. Assim, a abordagem de gênero que permeia o projeto dialoga com diversas dimensões da opressão, a exemplo de classe, raça/etnia e sexo (SCOTT, 1990).

---

[1] O Projeto de Extensão intitulado "Tecendo o Fio de Ariadne com Professoras da Educação Infantil em Mamanguape (PB)", sob a coordenação da Profa. Gislaine da Nóbrega Chaves, foi elaborado em 2015. A vigência do projeto será de sete meses com encerramento previsto para 29/12/2015. Embora ainda seja necessário que se realizem algumas ações, para o seu encerramento, o relatado neste artigo é resultado das etapas já vencidas.

Grande parte das pessoas ainda se mantém presas ao conceito de que o fator biológico é o determinante da conduta humana; tal visão enfatiza mais uma vez as limitações de gênero, enxergadas conforme os estereótipos impostos pela sociedade. Para os que adotam os estereótipos como determinantes da conduta humana, há um comportamento padrão para cada sexo. Entretanto, o conceito de gênero vem mostrar que o sexo biológico não é o fator determinante dos nossos comportamentos. O gênero provém da dimensão cultural na qual o indivíduo está situado social e historicamente. Ao contrário do que muitos acreditam, não é algo predeterminado, vai sendo construído de acordo com o contexto em que o indivíduo está inserido. (GÊNERO..., 2009)

A dimensão da pesquisa contida na extensão realizada possui caráter exploratório. Sob esse prisma, as atividades são reorientadas a partir das vivências junto ao ambiente escolar. Assim, trouxemos à tona análises de uma das intervenções realizadas em uma creche, por meio da primeira oficina intitulada *Quem é a atriz, Quem é o ator?* Nessa perspectiva, objetivamos a analisar as concepções de crianças da educação infantil (EI) acerca das relações de gênero, identificando o que já conseguem compreender a respeito das feminilidades e das masculinidades.

2 METODOLOGIA

Considerando que conhecer o universo das crianças se constitui em um desafio para os adultos, inspiramo-nos em aspectos da abordagem etnográfica para compreender o universo de meninas/os e intervir no espaço escolar. Para Ghedin e Franco (2011, p. 179), esta abordagem apresenta-se "[...] como possibilidade de elaboração de um conhecimento que possa captar o modo de pensar, agir e organizar o mundo dos sujeitos investigados, e mais do que isso, exige que o pesquisador veja o mundo do ponto de vista deles".

Assim, com a anuência da direção escolar e da professora da turma do Pré-I, iniciamos os primeiros contatos com as crianças na sala de aula, no dia 15 de maio de 2015, acompanhando semanalmente a rotina das crianças na escola (todas as segundas-feiras) nos turnos da manhã e tarde. Isto porque, para acompanharmos o cotidiano escolar e realizarmos

algumas intervenções, fez-se necessário nossa inserção no espaço escolar frequentado por elas, de maneira mais efetiva para realizarmos as ações do projeto.

Na primeira oficina *Quem é a atriz, Quem é o ator?,* focalizamos as diferenças e semelhanças existentes entre as crianças, por meio de seu autorretrato. A oficina contou com a participação de 19 das 24 crianças da educação infantil da série Pré-I, na faixa etária de quatro a cinco anos. O espaço utilizado para a realização da oficina não foi a sala onde a turma assiste às aulas cotidianamente, pois não havia espaço suficiente para sua realização. Assim, dialogamos com a professora de outra turma que nos cedeu sua sala de aula por um dia, por ser ela bem mais espaçosa. Na situação-problema, as crianças puderam registrar por meio do desenho o seu autorretrato, após ter examinado na caixa do segredo[2] a sua imagem refletida em um espelho. Abaixo, apresentamos alguns momentos dessa atividade:

> 1º Passo: explicar o que é um segredo, pedindo para as crianças manterem o compromisso do segredo para que a dinâmica flua;
> 2º Passo: observar com atenção o que está dentro da caixa denominada "caixinha do artista";
> 3º Passo: em seguida, pedir para as crianças desenharem a imagem que observaram na caixa;
> 4º Passo: Pedir para cada criança desenhar ao lado da atriz ou ator, o desenho de algo que goste muito;
> 5º Passo: Dialogar com as crianças sobre suas representações pictóricas, focalizando as diferenças e semelhanças entre elas. (CHAVES; LIMA, 2015, p. 1-2).

Outrossim, fizemos o uso da observação participante com registros em diários de campo, para identificar em suas interações indícios sobre o conceito de gênero em interseção com alguns marcadores sociais, por meio das vivências escolares das crianças e da efetivação de oficinas[3], a exemplo dos diálogos realizados com as crianças sobre seus gostos, vontades, objetos, brinquedos e outros elementos com os quais se identificam.

Outros instrumentos, fundamentais para compreendermos as relações de gênero e suas interseções no ambiente escolar, também foram utilizados na coleta de dados, a exemplo de diagnóstico da realidade escolar, fotos e gravações. Por meio do diagnóstico, pudemos conhecer a dinâmica do espaço escolar, observando a separação de meninos e meninas em

[2] Uma caixa de sapato coberta com papel colorido, no fundo da qual colamos um pedaço de espelho para que as crianças pudessem observar suas características físicas.
[3] A oficina mencionada neste artigo foi a primeira intervenção realizada com as crianças no Projeto de Extensão intitulado "Tecendo o Fio de Ariadne com Professoras da Educação Infantil em Mamanguape (PB)". No transcorrer do projeto, outras oficinas serão realizadas. As relações de gênero em interseção com outros marcadores sociais serão inseridas nas diversas áreas do conhecimento. Nesse primeiro momento, focalizamos os "conteúdos de sociedade".

alguns ambientes da escola, a exemplo da sala de aula e dos banheiros infantis. Já por meio das fotos e das gravações, registarmos flagrantes cruciais em que as crianças desfrutaram de momentos seus, onde os adultos não intervieram, com liberdade para agirem e se expressarem.

De modo geral, todos os instrumentos utilizados durante a observação participante trouxeram resultados bastante significativos à pesquisa, uma vez que, como afirmam Ghedin e Franco (2011):

> A pesquisa baseada nessa abordagem aproxima o investigador das experiências alheias, de sorte que faça a experiência do que é o outro na compreensão que este tem de si mesmo. Portanto, o esforço da pesquisa não é expressar a própria experiência no processo de construção do conhecimento de certo objeto, mas mostrar como foi possível captar, pela explicação e compreensão, o modo pelo qual o outro faz a própria experiência existencial. (GHEDIN; FRANCO, 2011, p.180).

É nos primeiros anos escolares que as crianças aprendem as concepções de gênero e seus marcadores sociais, a partir das diferenças e semelhanças existentes entre meninos e meninas. Embora parte dos conteúdos ligados à temática de gênero já terem sido aplicados quando iniciamos o projeto, não houve impedimento quanto à nossa intervenção, aprofundando determinados conteúdos, a exemplo da oficina mencionada anteriormente. Igualmente, a interação cotidiana com as crianças, em momentos mais espontâneos, a exemplo de atividades lúdicas realizadas por elas após a oficina, permitiu-nos intervir por meio do diálogo na desnaturalização de estereótipos de gênero e raça, a partir dos usos de determinados brinquedos considerados femininos e masculinos. Na interação das crianças com as mulheres adultas, percebemos o recorte de sexualidade, onde identificamos elementos que ratificam uma visão hegemônica de sexualidade pautada no androcentrismo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A caixa do segredo foi apresentada a algumas crianças por mais de uma vez. Elas observaram, novamente, o conteúdo dentro da caixa para então compreenderem o que deveria

ser desenhado ao observarem o espelho contido no fundo da caixa – o seu autorretrato. Na primeira dinâmica da oficina, solicitamos que meninos e meninas desenhassem em uma folha de ofício o que haviam observado dentro da caixa denominada caixinha do segredo, como dispomos, na figura 1, a seguir:

Figura 01 - Aplicação da oficina com os alunos do Pré-I
Fonte: Acervo do Projeto Tecendo o Fio de Ariadne... (13/08/2015)

Após a elaboração dos desenhos, dialogamos com as crianças com o objetivo de compreender o desenho elaborado por cada uma delas. As crianças demonstraram bastante interesse sobre a dinâmica apresentada, não havendo em nenhum momento estranheza ou negação em participarem da atividade, assim obtivemos resultados bastante significativos que deram ênfase às problemáticas de gênero.

Como não há espaço neste artigo para contemplarmos todos os desenhos, tivemos que selecionar alguns. Utilizamos como critério de escolha dos desenhos, a disponibilidade da criança para explicar o que havia desenhando. Outras não sentiram vontade de explicar o desenho; levamos em consideração sua recusa e não insistimos, embora suas expressões pictóricas tenham valor em si como um pretexto para futuros diálogos e representações.

Algumas crianças deram explicações bastante significativas com relação à abordagem que estamos focando neste artigo como, por exemplo, Bruna[4] que interpretou seu desenho como sendo ela mesma ao lado de um fogão, um armário e uma mulher. Configura-se o estereótipo de "Dona de casa", papel atribuído, historicamente, às mulheres, a exemplo do que

[4] A partir daqui os nomes são fictícios para preservação da privacidade das crianças.

nos informou a menina: “Eu desenhei eu, um fogão, um armário e uma colher. Porque eu gosto e brinco de casinha.” (Bruna, 4 anos). A figura 2 é ilustrativa dessa visão estereotipada sobre os papéis de gênero:

Figura 2 – Bruna e o espaço privado
Fonte: Acervo do Projeto Tecendo o Fio de Ariadne... (4/9/2015)

O desenho de Miguel foi descrito como sendo seu autorretrato ao lado de um escritório, seu escritório, ele afirmou que gosta de escritórios - “Eu fiz um desenho meu e esse aqui do lado é um escritório, porque eu gosto de escritório.” (Miguel, 4 anos). Esse dado é revelador de que em tenra idade as crianças começam a construir estereótipos masculinos, em que o homem aparece como provedor do lar, ocupando o espaço público. O desenho do menino é emblemático dessa concepção androcêntrica, como consta na figura 3 a seguir:

Figura 3 – Miguel e o espaco público
Fonte: Acervo do Projeto Tecendo o Fio de Ariadne... (4/9/2015)

Entre riscos e rabiscos, existem aqueles desenhos que não foram explicados por algumas crianças, talvez por timidez ou questões subjetivas que nos escaparam, e, concomitantemente, nos põem em alerta sobre o desenho de uma menina, que afirmou: "Desenhei um monstro. Eu vi um monstro". (Nadja, 4 anos). A criança não quis explicar o motivo de ter desenhado o mostro. Resta-nos problematizar: que monstro ronda o cotidiano da pequena Nadja?

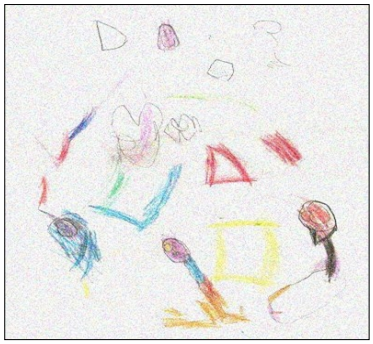

Figura 4 – Nadja e o monstro
Fonte:. Acervo do Projeto Tecendo o Fio de Ariadne... (4/9/2015)

A caixa do segredo trouxe à tona incógnitas que fazem parte do cotidiano de crianças de ambos os sexos; assim, um dos meninos preferiu não falar sobre o motivo de ter desenhado uma arma: "Desenhei eu, um espelho e uma arma". (Bernardo, 4 anos). Assim, talvez guarde consigo o desejo de ser policial – outro papel social que impõe coragem e agilidade, qualidades que permeiam o imaginário popular como inerente à condição masculina, apesar de as mulheres ocuparem esse espaço profissional. Outra possibilidade se refere a situações de violência com a qual a criança talvez vivencie no bairro onde reside, ou ainda, se identifique e reproduza papéis violentos disseminados pela TV, como podermos imaginar na foto a seguir:

Figura 5 – Bernardo e sua arma
Fonte: Acervo do Projeto Tecendo o Fio de Ariadne.... (4/9/2015)

Ao fim da dinâmica as crianças se dirigiram aos variados brinquedos que estavam em uma caixa no canto da sala e outros espalhados no chão, cada uma delas escolheu o brinquedo de sua preferência. Dentre as brincadeiras realizadas, identificamos algumas que evidenciam os estereótipos masculinos e femininos, a exemplo de momentos em que as crianças brincam sozinhas ou acompanhadas. Um dos meninos do grupo utilizou bastante o teclado de computador antes descartado por uma menina. Outros meninos do grupo preferiram brincar com aviões, carrinhos ou peças de encaixe. As bonecas e brinquedos relacionados ao espaço doméstico estão no centro das atenções e preferências das meninas. Depreende-se, portanto, que a partir do que é considerado brinquedo feminino ou masculino, meninos e meninas assimilam não somente os papéis de gênero, mas, sobretudo, aprendem o "lugar" que homens e mulheres devem ocupar na sociedade, a exemplo do que se pode verificar na figura 6:

Figura 6 - Meninos e meninas em momentos de ludicidade

Fonte: Acervo do Projeto Tecendo o Fio de Ariadne ... (13/08/2015)

Um momento singular em que não percebemos a apropriação dos estereótipos de gênero pelas crianças ocorreu na brincadeira de corrida em que meninos e meninas circularam livremente por entre as mesas escolares, como se pode observar na figura 7 a seguir:

Figura 7 - Meninos e meninas correndo juntos ao redor da sala de aula
Fonte: Acervo do Projeto Tecendo o Fio de Ariadne... (13/08/2015)

Nossa permanência na escola apontou para a compreensão de que esta se constitui em um microespaço social onde as relações de gênero e suas interseções ocorrem e, por isso, se torna necessário investir na desnaturalização de valores, normas, prescrições e comportamentos de gênero assentados em uma cultura androcêntrica e patriarcal em todos os níveis, etapas e modalidades de ensino. Esse fato aponta para algumas perspectivas não conclusivas que serão abordadas adiante.

4 CONCLUSÃO

A oficina realizada trouxe elementos para a reflexão acerca da compreensão das relações de gênero, por meio do desenho do autorretrato das crianças e da problematização das diferenças existentes entre meninos e meninas. Para isso, utilizamos o desenho como

forma de expressão e análise dos gostos, dúvidas, anseios e temores de meninos e meninas. Ademais, mapeamos construções estereotipadas das feminilidades e das masculinidades em interseção com outros marcadores sociais, a exemplo de raça e sexualidade. O preconceito de gênero em interface com sexualidade e raça pôde ser evidenciado no comportamento das crianças, mas também nos valores e nas expressões verbais das profissionais da escola, indicando a presença de lacunas em sua formação, ou mesmo a falta dela. Isso nos sugere que há a necessidade de se investir na formação inicial e continuada das docentes, mas também de forma geral das profissionais da educação que atuam nessa modalidade de ensino. Outrossim, amplia nossa visão acerca da necessidade de transversalizarmos o conceito de gênero na universidade, considerando o relevante papel social que essa instituição de ensino possui na formação de formadoras/es.

A maneira contínua de os adultos determinarem o que é certo e o que é errado, conforme o sexo das crianças, acaba por construir preconceitos desde a infância. As crianças aprendem por meio da convivência em uma sociedade gendrada, por isso a escola deve intervir em sua formação com vistas a contribuir para a desconstrução de estereótipos e preconceitos. Assim, os "conteúdos de sociedade" mostraram-se necessários, mas insuficientes para contemplar as relações de gênero em interseção com alguns marcadores sociais, como raça/etnia e sexualidade.

Considerando, portanto, os desafios apresentados pelo universo das crianças, que põe em relevo não somente o aprofundamento das relações de gênero em interseção com outros marcadores sociais, mas a nossa própria capacidade de dialogar com a criança que fomos um dia, pondo educadoras/es à escuta dos anseios, gostos e dilemas de meninos e meninas. Abordamos, pois, os conteúdos do currículo escolar, transversalmente, na sala de aula e fora dela, "aprendendo e ensinando", como abordou nosso saudoso mestre Paulo Freire (1996), com os sujeitos da intervenção. A perspectiva de continuidade do projeto aponta para aprofundarmos, transversalmente, as relações de gênero e seus marcadores sociais nas diversas áreas do conhecimento.

REFERÊNCIAS

BUSS-SIMAO, M. Gênero como possibilidade ou limite da ação social: um olhar sobre a perspectiva de crianças pequenas em um contexto de educação infantil. ***Rev. Bras. Educ***. [online]. 2013, vol.18, n.55, pp. 939-960. ISSN 1413-2478. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782013000400008>. Acesso em: 5 ago 2015.

CARVALHO, M. E. P. de; RABAY, G. Usos e incompreensões do conceito de gênero no discurso educacional no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 23, p. 119-136, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/37466/28761>. Acesso em: 4 ago. 2015.

CHAVES, G. N.; LIMA, R.B. **Plano de oficina:** Quem é a atriz? Quem é o ator. 2015.

FARIA, A. L. G. de. Pequena infância, educação e gênero: subsídios para um estado da arte. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 26, p.279-288, 2006.

FINCO, D. Brincadeiras, invenções e transgressões de gênero na educação infantil. **Revista Múltiplas Leituras**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 119-134, jan. jun. 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa.7 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. (Coleção Leitura)

GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA: FORMAÇÃO DE PROFESSORAS/ES EM GÊNERO, ORIENTAÇÃO SEXUAL E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS. Livro de conteúdo. Versão 2009. – Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009. Disponível em: <http://estatico.cnpq.br/portal/premios/2014/ig/pdf/genero_diversidade_escola_2009.pdf> Acesso em: 07 set. 2015.

GHEDIN, E.; FRANCO, M. A. S. **Questões de método na construção da pesquisa em educação.** 2.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PAECHTER, C. **Meninos e meninas:** aprendendo sobre masculinidades e feminidades. Tradução, consultoria e supervisão: Rita Terezinha Schmidt. Porto Alegre: Artmed, 2009.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise história. **Educação e Realidade**. v. 15, nº 2, jul. dez, 1990.